

CRIADITAS DOS POBRES

Um velho amigo e leitor atento d'O GALATO, ora na Austrália, zurze-me em cada carta com que me regala (preciosas mensagens de uma alma inquieta na procura da Verdade) pela falta de notícias das Criaditas. Que antigamente elas eram muito mais frequentes no Famoso... Que no tempo de Pai Américo, então, nem se fala!... E tem mesmo a franqueza de tentar uma explicação: «O recente conhecimento de que o Padre Américo teria desejado a colaboração delas, fez-me suspeitar que um humano sentimento de frustração e consequente ostracismo (ainda que inconsciente) tenha contribuído para a diferença de tratamento pelo jornal».

Há pancadas que nos sabem a carícias. Estas são das tais! Primeiro, a amizade e confiança deste amigo. Segundo, «o alto conceito» em que reúne Pai Américo e as Criaditas. Também nós temos tão alto

conceito delas e tanto lhes queremos que o sabermos-nos identificados com alguém na mesma atitude de alma, nos regozija profundamente.

De facto, vão lá três dúzias de anos, Pai Américo propôs às Criaditas virem trabalhar connosco em Paço de Sousa.

Elas pensaram: «O campo da nossa acção é a casa da família pobre e a igreja paroquial onde servimos primeiro que tudo o Grande Pobre».

Pai Américo pensou que, afinal, elas já estavam a trabalhar connosco nesse campo, também nosso, aonde não podemos chegar tanto quanto seria desejável, de absorvidas as nossas energias pela Obra. E na mesma carta em que a «Mãe» das Criaditas lhe comunicava, «cheia de amargura», a impossibilidade do sim, Pai Américo após estas palavras: «Nada de aflições. Tudo como dantes, Pax!»

Esperamos que a revelação deste «despacho» de Pai Amé-



«Campo de acção» das Criaditas dos Pobres: «A casa da família pobre e a igreja paroquial onde servimos primeiro que tudo o Grande Pobre».

rico desvaneça definitivamente a suspeita do nosso amigo, o que não logrei em carta de há meses, portadora de explicação.

A verdade é que nunca n'O GALATO houve notícias («regulares») das Criaditas. Surgem quando surge oportunidade... E hoje é o dia em que temos uma grande notícia a registar: o aparecimento do livro *Maria Carolina Sousa Gomes e as Criaditas dos Pobres*, biografia da «Mãe» das Criaditas escrita pelo senhor D. Manuel, Bispo de Aveiro.

São duzentas e cinquenta

páginas deliciosas em que o rigor próprio da historiografia não prejudica o quer que seja o encanto da descrição de uma época (dos anos vinte à actualidade) em que se movimentaram personalidades tão marcadas por Deus para o bem dos

homens, como o Doutor Sousa Gomes, o Doutor Elísio de Moura, Maria Carolina - a «Mãe» e Maria Clementina - a Irmãzinha Emanuel, «alma gémea» na fundação das Cria-

Cont. na 4.ª pág.

AQUI, LISBOA!

«A missão de visitar o Pobre tem beleza; é filha de uma intuição artística que apaixona e devora o visitador.»

Foi, há dias, a roçar pelo fim da manhã. A nossa agenda, aliás, como de costume, muito sobrecarregada, incluía a visita a um Irmão de setenta e tal anos, inválido, sem família, vivendo sozinho, no primeiro andar de uma casa de uma viela para o lados de Santa Catarina.

Havíamos sido solicitados por escrito para este encontro, já mais de uma vez. Tocámos a campainha e logo apareceu à janela o locatário, perguntando quem era. Sabendo de quem se tratava, o visitado, na ponta dum cordel, forneceu a chave da porta da rua e explicou-nos a maneira de percorrer o labirinto que conduzia ao local onde se encontrava. Subimos um lanço de escadas, abrimos três portas e eis-nos, frente a frente, no quarto de dormir.

Poucas palavras dissemos. Em circunstâncias análogas, o mais correcto é ficarmos cala-

dos: ouvirmos, observarmos discretamente e contemplarmos Cristo na pessoa dos que sofrem. Assim fizemos, perdendo a noção do tempo.

A tragédia dos sem-família, sobretudo quando acamados ou de difícil locomoção, mesmo quando dispõem de alguns recursos materiais, passou céleramente ante a nossa mente. No senhor X vimos os milhares de homens e mulheres em condições similares. Consolou-nos, ao menos, que fosse visitado pelo Pároco ou por um ou outro dos seus colaboradores e que, cerca do meio-dia, duas senhoras da Misericórdia trouxessem o almoço e a roupa do locatário, lavada e engomada, o que sucede de segunda a sexta-feira, que ao sábado e ao domingo não há, infelizmente, lugar para tal.

Órfão de pai com verdes anos e a mãe a celebrar segundo matrimónio, protegido por uma madrinha, o senhor em causa passou as agruras dos tempos da Guerra Civil do País vizinho, que muita

Cont. na 2.ª pág.

Tribuna de Coimbra

■ Estou a escrever na cidade de Tomar, em frente da encosta, verdejante e florida, encimada pelo Convento de Cristo. Junto de mim brinca um grande grupo de crianças em passeio turístico.

É tarde de Primavera. Todo o ambiente é de verdura e vasos de flores a rodear as casas caiadas de branco.

Ao lado é o Cine-Teatro onde dois dos nossos rapazes preparam o palco para a Festa de logo à noite. À entrada da grande sala estava um dos donos de braços abertos à nossa espera e a dizer-nos que está registada nos livros a nossa falta do ano passado.

A porta, um Amigo que muito nos ajudou, em Malanje,

revela: «Já só há um restinho de bilhetes. A sala vai estar esgotada. Vai ser uma grande Festa!» Disse tudo com tanta alegria e simplicidade que me deixou a saborear a sua dedicação.

Tomar tem sido assim todos os anos. Sempre uma grande Festa! Na igreja. Na sala do Cine-Teatro. Na sala da ceia. Nos sacos de carne que nos oferecem todas as quinzenas. Nas lembranças que nos enviam durante o ano. Nas visitas que nos fazem. É uma Família da qual fazemos parte.

■ Tomar é muito nossa já há bastantes anos. Mas novas terras têm aberto os braços e o coração. As nossas

Festas são cartão de construção da grande Família que queremos ser. A voz de Pai Américo nos dias de hoje. A presença amorosa de todos os nossos, especialmente os mais pequeninos. A mensagem de alegria, paz e amor que queremos transmitir.

Há dois dias, durante a Festa em Anadia, sentado na sala, dei conta da participação de toda a assistência. O calor humano que se respirava, todo feito da alegria que inundava os corações. Senti, como poucas vezes, a grandeza da Obra da Rua. Obra de todos!

Tem sido assim em todas as terras. Bendito seja o Senhor!

Padre Horácio

PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● Mãe solteira, criou os filhos (de vários pais) sabe Deus como — sempre com amor de Mãe!

Quantas vezes ajudamos esta mulher a não tropeçar!

Curioso: Muito activa, levantou um casoto de pedra e cal, em terreno cedido por gente de bem — com os olhos nos Pobres.

Filhos criados, a vida melhora nos últimos anos; mas, agora, chega a doença. Incurável. E, com ela, mais tormentos. Um Purgatório!

Está lá perto o vicentino. Dá fé. Acode:

— *O ordenado do filho mais novo (ainda com a mãe) não chega... Temos d'acudir, já. Ela está muito mal. Não irá durar muito tempo...*

Aliviar a cruz dos Pobres — é a nossa missão!

● Exactamente para aliviar a cruz dum trópego, conseguimos, há tempos, um carrito adequado. Quando o tempo é favorável, o Pobre gosta d'ir ver os campos, as árvores; as sementeiras e as colheitas; ouvir o cantar dos passarinhos; e, porque não?, dialogar com os amigos.

Apesar das fracas posses, um familiar consegue um televisor para o deficiente se entreter; e, sobretudo, partilhar a celebração eucarística dominical.

Habituaados a um subdesenvolvimento secular, ainda hoje alguns povos do meio rural não vêem com bons olhos certos benefícios (para os Pobres), como no caso vertente do televisor! O homem sofria... E desabafa ao vicentino — que sossega:

— *O homem, não s'aflija! Deixe falar...*

As línguas calam-se! Já avaliam como certos bens são postos por Deus na mão dos homens — dos mais deprimidos — para seu bem. E está feliz!

PARTILHA — *«Avó de Sintra»:* um cheque para a «*Família do costume*». Assinante 20745, dois contos «*para a mãe solteira*». Outro cheque, do assinante 9790, de Oliveira do Douro, invocando «*uma oração ao Senhor para que os nossos corações se abram a todos os Irmãos, qualquer que seja a sua condição, para surgir o verdadeiro amor fraterno que compromete, dá alento e só quer o bem, espalhando-o*».

Os aleluias de «*uma portuense qualquer*», que acrescenta: «*Há situações de «morte» em muitos Irmãos por carências de toda a espécie! Procurando colaborar, envio a migalhinha relativa ao mês de Abril*». Presença constante!

Um óbulo da assinante 20745. Outro, do assinante 8632, do Porto. Mais outro, muito certinho, do assinante 17258, de Rio Tinto, para uma Viúva. A assinante 1241 dispõe do que Deus lhe dá, também «*para uma Viúva necessitada*». Correntes de amor fraterno!

Alto lá! Vem carta da capital do Norte, que diz assim:

«*Um jovem de 24 anos, recém-formado em Economia, mas, por*

graça de Deus, já com primeiro emprego, envia por alma de seus queridos pais esta pequenina ajuda (quatro contos) à Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa, para auxiliar alguma afiliva necessidade que neste momento tenha aparecido.»

Está no caminho certo! Pois dos economistas depende, agora, mais do que nunca (referimo-nos ao País que somos), a eliminação de boa parte do subdesenvolvimento secular da Nação. Isto é, quem dera que todos, na ciência aplicada, tenham sempre os Pobres na mente, tanto nos planos como nos projectos de macro ou de micro-economia!

Vale de correio da assinante 27063, de Cacém, expressando um voto — já cumprido. «*Pequena migalha*» (um conto), de Maria do Rosário, (que lindo nome!) «*para minorar alguma necessidade mais urgente*». Foi despachada em grande velocidade!

O costume da assinante 1077, com a Amizade de sempre. A generosa colaboração da assinante 22617, que desabafa: «*O que custa na Viuvez é a solidão*». Deus a ajude!

Joaquina, do Porto, 1.000\$00. A remessa habitual do casal-assinante 11902, do Fundão. Outra, idem, de Santa Cruz do Douro. Vilares, muita constância, também. Um cheque, de Ovar, pela mão da assinante 10855 — d'alma aberta: «*Desde que me aposentei, parece que fui atacada de preguiça. Só desejo que no Juízo Final o Senhor me perdoe...*» Deus é sumamente Misericordioso!

Partilha de Naugatuck, América do Norte. Idem, do assinante 23618, da capital, e um esclarecimento: «*Estas importâncias não têm destino específico. Serão aplicadas da melhor maneira*». A Caridade perfeita é assim mesmo!

Dez rands de Umbilo, África do Sul. «*Migalhinha*» — tão grande! — duma hoteleira aveirense que dedica aos nossos Pobres, e à Obra da Rua, carinho idêntico dispensado aos seus mais seus. Dois contos dum casal setubalense. Mais outra oferta, da capital, e uma nota que respeitamos: «*Não agradeça*». Contudo, em nome dos Pobres, temos o dever de comunicar a todos, o nosso bem haja.

Júlio Mendes

Paço de Sousa

OBRIAS — Em breve, a nossa piscina recomeçará a funcionar. Já só falta montar o sistema de filtração da água.

A nossa casa da praia, em Azurara, também está a beneficiar de melhoramentos para quando formos para férias descansarmos o melhor possível.

CARAS NOVAS — Tínhamos referido que a dois rapazes que chegaram à nossa grande Família, a malta lhes havia dado apelidos. Mas, agora, mudaram de nome: O «*Pato Bravo*» é «*Turbina*»; o Sérgio, «*Toupeira*»!

DESPORTO — Os mais novos jogaram, no dia 27 de Maio, com uma equipa local, o Assento. Outra oportunidade para os mais novos

mostrarem o que valem. Venceram por 5-4. Jogo emocionante! A nossa equipa esteve a perder por 3-1 e recuperou no final do desafio.

Também, no dia 17 de Maio, defrontámos a equipa da Associação Cultural Silva Porto. Jogo muito disputado, até porque havia uma taça em disputa, e embora tivéssemos criado as melhores situações de golo não conseguimos funcionar o marcador, terminando o prémio empatados a zero. A taça ficou connosco, porque no-la ofereceram.

Queremos também agradecer, a esta Associação, o carinho e amizade manifestados antes e depois do encontro.

VISITANTES — São cada vez mais as Escolas Primárias, Liceus e Ciclos Preparatórios que, durante os sete dias da semana, nos visitam.

Os confrades das Conferências de S. Vicente de Paulo, do Norte do País, vieram também visitar-nos na sequência do Dia Vicentino Interdiocesano, em Galegos, integrado nas comemorações do Centenário de Pai Américo.

Ludgero Paulo

Lar do Porto

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — É a vez de darmos conta das nossas visitas aos Pobres. Vamos falar de Rosa Santos, mãe solteira, das muitas que nesta sociedade materialista existem. Pois a nossa irmã é mãe de quatro filhos. Vive em péssimas condições numa cave, onde não existe água nem luz. Tem dois postigos pequenos, onde entra um pouco de ar e luz do dia. Não tem espaço para guardar a roupa dos filhos, muito menos para guardar roupeiros. Mas, vivendo nestas condições, ama os seus filhos. Nas visitas que fazemos, notamos uma abertura nas crianças: conversam e desabafam connosco como se fôssemos da família.

Vive das esmolas que lhe dão, no dia-a-dia. E afirma: — Quantas vezes tenho de fugir à polícia!

Pois nós nunca fomos nem somos a favor da mendicância. O que faz a nossa sociedade para evitar que mães, como esta, deixem de pedir para elas e para os filhos sobreviverem? A senhora tem gravado no rosto quantos sacrifícios tem feito para desempenhar o papel de mãe e... de pai. Que bom seria que todos os pais e mães se sacrificassem pelos seus filhos, educando-os na palavra do Evangelho!

Quanto de belo para nós, vicentinos, vemos que onde existem carências materiais, existe amor nos corações. Nós, vicentinos, levamos um pouco de material e de conforto e recebemos, em troca, tantas provas de amor e amizade! Aquela gente humilde dá-nos força e coragem para seguirmos em frente nesta caminhada que Pai Américo nos deixou em prol do Próximo.

A nossa Conferência vai ajudando naquilo de que é capaz. Como vicentinos estamos limitados. A nossa ajuda material é reduzida para as necessidades que encontramos nas

visitas que realizamos. Mas, dentro do que possuímos, vamos entregando ao nosso semelhante.

CAMPANHIA TENHA O SEU POBRE — Anónimo, 5.000\$00; assinante 16054, 2.000\$00; Vilar Formoso, 700\$00; Reboleira, 4.000\$00. Queremos também agradecer as roupas entregues no Lar do Porto.

Em nome da nossa Conferência, muito obrigado.

Casal vicentino

Miranda do Corvo

AGRICULTURA — As batatas têm bom aspecto, porque são tratadas da melhor maneira possível. Também os tomateiros, os pimentos e o cebolo. O milho já rebenta todo esguio.

Os fins-de-semana, quando todos estamos em Casa, são propícios para estas empreitadas, necessárias para obtermos o pão de cada dia.

Aqui, Lisboa!

Cont. da 1.ª pág.

gente desconhece ou já esqueceu, vendo fuzilar muitos dos seus companheiros ou superiores, só pelo facto de serem católicos. Contemplado num pequeno testamento e recebendo a magra pensão social a que tem direito, vivendo naquele local há 40 anos, encontra-se inválido há muito e só com auxílio de muletas pode fazer alguns movimentos. Dias e dias seguidos, completamente só, vai aguardando a sua hora. Vale-lhe ter fé; mas, naturalmente, muitos momentos são revestidos de desânimo.

Ao fim e ao cabo o que queria este nosso Irmão? Que o deixássemos vir para a nossa Casa a fim de viver numa família. Claro que tivemos de dizer não. A hipótese do Calvário poder-se-ia pôr se houvesse gente capaz de «*emergulhar*». Mas onde estão as pessoas dispostas a entregar-se a este tipo de trabalho? Padre Baptista, neste momento, no sector dos homens não tem colaboradores. Ficou-nos o lenitivo e o propósito de não desistirmos, fazendo o possível para continuarmos a consolar os tristes.

Que os Vicentinos não desarmem. Para eles e todos os visitantes dos Pobres, seja qual for o tipo de pobreza, aqui deixamos as palavras seguintes, da autoria de Pai Américo, dignas de uma antologia de serviço: «*A missão de visitar o Pobre tem beleza; é filha de uma intuição artística que apaixonou e devora o visitante. Quanto mais repelente for o estado e condição dos*

CONVÍTIOS — Recebemos, no dia 25 de Abril, um grupo de Amigos, novos e velhos, conhecidos das nossas Festas no Fundão. No dia da Festa lá os fomos encontrar.

Os jovens trouxeram uma equipa organizada que, empenhadamente, se bateu connosco no pequenino campo de futebol.

Foram contentes, não olharam ao resultado (5-4), mas gostaram de estar, jogar e conviver.

Ofereceram uma taça como recordação da passagem, onde está gravado: «*25/04/87 — Os amigos do Fundão*».

Oferecemos a nossa amizade!

Em 17 de Maio foi a vez da Paróquia de Vila Seca, com uma equipa de jovens muito jeitosa que nos fez «*sufrer*», vencendo por 2-1. Bem organizados, convenceram. Não só por terem ganho, mas pelo convívio que nos proporcionaram.

Foram bem-vindos e outros o serão. Nós somos bons rapazes!

Cronista

visitados, mais se enamora deles. O artista verdadeiro é um crente; ele coloca na base de todas as suas criações a Beleza Incrinda de Deus, sem o que produzirá fantasia que deslumbrará, sim, mas não faz arte que comova. O visitante do Pobre, que também é artista, tem necessariamente de ser um crente. A sua linguagem há-de dizer que ele é da Galileia. A beleza da sua acção é polarizada no seio de Deus. Ele chama a todos irmão e, porque são da sua carne, tem pena dos desamparados. Como a galinha faz aos milhafres, assim ele dá sinal e quer defender os inocentes debaixo das suas asas. Faz arte que comove e não obra que deslumbra, o visitante de Pobres).

Em suma, amemos em obras e verdade.

■ As Festas realizadas poder-se-ão considerar um êxito. Salas cheias e carinhosas. Comunhão de sentimentos. Calor humano, de dentro e de fora. Bem hajam todos.

■ As medalhas editadas têm tido muita procura. Aconselhamos os nossos Amigos a não se descuidarem, contactando as Casas do Gaiato das áreas das suas residências.

■ Para satisfazer alguns Leitores, conforme nos é solicitado, aqui deixamos, mais uma vez, o endereço desta Casa do Gaiato e do seu Lar, em Lisboa: **Santo António do Tojal, 2670 Loures;** e **R. Ricardo Espírito Santo, 8 r/c, Dto, 1200 Lisboa.**

Padre Luiz

VISITANTES

Não há dia da semana em que não venham visitantes à nossa Aldeia. E se é sábado ou domingo, o número aumenta.

Há os que passam o dia conosco. Há os que vêm, visitam e vão-se. Uns, por curiosidade; outros, por mero passeio; outros, ainda, por motivos de piedade.

São crianças das escolas e catequeses paroquiais com seus responsáveis. São grupos de adolescentes e jovens. São estudantes de escolas superiores com seus cadernos de apontamentos. São comunidades paroquiais com seus párocos à frente. Ora vêm organismos da Igreja, ora grupos

e associações cívicas ou desportivas e culturais. São os amigos, de sempre, que nunca se cansam de visitar a Aldeia mais linda de Portugal. E sempre deslumbrados! Nós, também, que andamos por cá há mais de 30 anos!

Neste ano Centenário do nascimento de Pai Américo, o desejo de conhecer a Obra da Rua cresce. E Pai Américo torna-se presente com sua mensagem, como naquele tempo. É que ela é tão actual como o era quando comunicada pela sua própria fala.

Normalmente, juntamo-nos no lugar mais rico da Aldeia que guarda o seu túmulo; o lugar do segredo que explica tudo o que a Obra da Rua tem e é: a Capela.

Neste sítio que tem o sabor das coisas pobres e simples e profundas, procuramos revelar aos nossos visitantes o que os olhos não vêem. Há coisas que só o coração vê e entende. Há coisas que só a Fé explica. Há coisas que só o Amor é capaz de fazer porque só as entende quem ama.

A Obra da Rua pertence a esta categoria de verdades. Pai Américo é quem o diz e nós sentimo-lo também. A Obra da Rua é o Segredo de Amor escondido no coração de Pai Américo, durante 42 anos, de descoberto por ele e por ele revelado até ao deslumbramento.

— Mas fui eu quem fez tudo isto?!... perguntava Pai Américo a um dos seus filhos, em momento de grande intimidade. Depois de uma pausa silenciosa, como quem procura a resposta no desconhecido, o filho responde: — Não, Pai Américo! Foi Deus; Deus é o Autor e o Realizador da Obra da Rua. E Pai Américo remata o diálogo com um beijo e um abraço de agradecimento pela resposta cheia de luz que acabara de receber.

É este segredo que procuramos revelar a quem nos visita. Porque, se os visitantes sempre nos trazem muito, queremos dar-lhes muito mais do pouco que somos e temos.

A Obra da Rua está bem segura. Não há força que possa derrubá-la. O alicerce é o SS.mo Nome de Jesus, por quem os filhos da rua são salvos; os doentes do Calvário caminham; os cegos vêem; os paraplégicos andam e os monstros são olhados como pessoas; os que têm fome recuperam forças; o Lixo transforma-se em pedras preciosas.

É feliz quem tiver olhos para ver e ouvir tudo isto. É coração para sentir, amar e viver, dando-se. Este foi o segredo de Amor revelado a Pai Américo e entendido por ele até ao fim, até ao desgaste final. E que feliz! Tão feliz que não parou mais, até o comunicar aonde pôde chegar. Qualquer lugar servia de púlpito. São assim os apaixonados! E para que o cansaço não

chegasse mais depressa, deixa tudo para ser tudo para todos!

Dar vida a quem a não tem... Que mais se pode desejar?! É uma Verdade dos Livros Santos: «Eu vim para que tenham Vida e A tenham em abundância». Se esta foi a missão do Mestre, como pode ser diferente a do discípulo? Mas como? É um segredo que só é dado a conhecer aos que querem e querem de verdade.

■ Não digo o nome. Posso ferir a sua delicadeza, a sua pequenez, na vida escondida que leva ao serviço da Obra da Rua. Terminou o curso de educadora. A sua frente tinha o caminho vulgar do emprego tão apetecido pelo comum dos jovens. Com ela não sucedeu assim. Interrogou-se. Continua a interrogar-se, por certo: — Qual o projecto de

Deus para mim? É uma pergunta natural de um jovem que quer ser feliz. — Qual o segredo de Amor que Deus tem para me revelar? — Eu quero ser feliz...

Pai Américo interrogou-se, muitas vezes, por certo. Um dia veio a resposta clara como a luz do sol. E não hesitou. Foi o caminho da pobreza evangélica levada até ao fim. Descoberta a fazer, pouco a pouco. Descoberta, por vezes, à custa de dúvidas, hesitações, escuridão; conseguida à custa de violência feita sobre o guardião e dador destes segredos de felicidade total, já agora e aqui. Somos tanto mais felizes quanto mais capazes de levar felicidade aos Outros. É uma verdade da experiência.

E ela veio. Trocou tudo pelo nada aos olhos do mundo. A medida que vai vivendo, mais vida vai dando também. O seu rosto feliz, pacífico, irradia felicidade e Paz em seu redor. É uma verdade do Sermão da Montanha que traz a garantia da Verdade.

É esta a mensagem que Pai Américo tem para nos dar hoje, também. É o que temos para dar a quem nos visita: — Que podemos fazer nós, também, na linha de Pai Américo? — Que esperam de mim e que resposta posso dar aos filhos da rua? — Que esperam de mim e que resposta posso dar aos doentes do Calvário? — E os que não têm casa porque não a podem levantar sozinhos? — Que posso fazer? — Dei conta do projecto de Deus a meu respeito, como Pai Américo? — Porque estou paraplégico ou paraplégica na minha vida, que me foi dada para dar-me?

Pai Américo não teve medo. Assumiu o que Deus pediu como um dom gratuito para agradecer com alegria, quemando-se até ao fim. — E eu? — E nós que visitamos a Obra da Rua?

Obrigado! Que leveis sempre uma inquietação muito grande, portadora de Paz e de Alegria!

Padre Manuel António

Associação dos Antigos Gaiatos do Centro do País

No próximo dia 14 de Junho realizaremos o nosso Encontro-Convívio em Miranda do Corvo. Convidamos todos os antigos gaiatos e pessoas amigas que desejem estar presentes, pois trata-se duma festa promovida por antigos gaiatos, mas essencialmente a pensar, também, nos actuais que, mais do que ninguém, sentem todo o movimento com alegria, por razões de vária ordem.

Esperamos realizar, nesse dia, um acto respeitante ao Centenário de Pai Américo. Para o efeito, convidámos os primeiros gaiatos que habitaram a nossa Casa, e se encontram nesta área, mas alguns terão de prestar um pequeno testemunho daquele tempo.

Também queremos lembrar que, nesse dia, faremos eleições para os novos corpos directivos. Esperamos tudo decorra na melhor forma e os novos responsáveis da Associação possam conduzir os seus destinos o melhor possível, cada vez com maior elevação, para bem da Associação que representam — e poderão contar com a ajuda sincera, sempre que o solicitarem, da Direcção cessante.

O programa completo do dia e a participação para a Assembleia Geral, que envolve o acto eleitoral, já se encontram em poder dos associados. É de crer que seja a maior concentração de sempre, pois queremos cada vez mais e melhor.

Para os que não são, ainda, sócios da nossa Associação, a concentração, em Coimbra, será junto ao Estádio Universitário, com partida às 8,30 h., estando assegurados transportes para quem os não tiver.

Manuel dos Santos Machado

Novos Assinantes de «O GAIATO»

Na passagem da procissão topamos: Um grupo de lisboetas, pela mão do nosso Padre Luiz; 150 novos assinantes de Cortegaça e 206 de Esmoriz, motivados pelo Padre Carlos, nas referidas comunidades, à hora da celebração eucarística; mais 75 por intermédio duma senhora, que afirma: «Para fazer qualquer coisa relativa às comemorações centenárias do nosso Pai Américo, lancei-me a recolher novas assinaturas d'O GAIATO no Organismo onde trabalho (A. R. S. Porto)». Que bem!

Escutemos a assinante 19342:

«Irmãos em Cristo: Que a Paz do Senhor esteja no nosso coração e as bênçãos de Deus em todo o nosso trabalho.

Agradeço os livros que me enviaram. Gostei muitíssimo de todos, mas este último — o Notas da Quinzena — não me canso de o ler!

Sou adventista, mas sempre que tenho oportunidade falo da Obra da Rua. Quando Jesus habita em nós e nos deixamos guiar por Ele, fazemos tudo pelo Próximo. Que Deus nos ajude para que mais jovens recebam o nosso apoio e que o Amor de Deus se manifeste mais na nossa vida diária.

Duas senhoras amigas gostavam de receber O GAIATO...»

Alto lá! Curvemo-nos à passagem desta Viúva pobre, de S. Paio de Oleiros:

«Envio um vale de correio, de três mil escudos. É uma migalha pequenina, mas sou viúva e reformada. Gostava de receber O GAIATO, embora o

costume ler por intermédio duma pessoa que m'o empresta...»

Grijó:

«Sou pobre. Também fui abandonada pelo meu marido, há muitos anos. Tive de criar três filhos com a graça de Deus.

Neste ano em que se celebra o Centenário de Pai Américo, pois que lá do Céu abençoe a sua grande Obra para que haja mais amor, mais caridade e desperte os corações daqueles que tanto têm para repartir e lhes falta vontade e amor.»

Cresce a difusão d'O GAIATO no seio das Famílias!

Coimbra:

«Junto um pequeno cheque para O GAIATO que tanto aprecio. Desejo oferecer a assinatura a minha filha...»

Vou dar grande prazer a quem o vai receber, pois que deixou de ser distribuído à porta da igreja.»

Estoril:

«Tenho um bisneto que completa nove anos e gostou de ler O GAIATO. Por isso, inscrevo-o também como assinante e seria o ideal poder recebê-lo pelo seu aniversário.»

Vista Alegre (Aveiro):

«Já o ano passado pedi O GAIATO para os meus netos. Afinal nunca o receberam e eu queria que, desde pequeninos, se habituassem a ler o «Famoso».

Mais Coimbra:

«Tenho dois netos, em Lisboa, sem dificuldades monetárias, graças a Deus, mas neces-

sidade de Deus e de conhecer um pouco a vida daqueles que nada têm e dar-lhes valor. Peço a remessa d'O GAIATO para a seguinte direcção...»

Ao longo da procissão, outras almas que não resistem ao silêncio e dizem do muito que está no seu coração. Como esta amiga, de Corroios:

«Agradeço terem-se lembrado de mim com os livros Cantinho dos Rapazes e Notas da Quinzena. Tanto um como outro me têm ajudado bastante, pois custa muito ser cristão... Quando as forças me faltam, recorro a uns minutos de releitura, dum ou de outro livro, que me dão Força para continuar... Envio este cheque e parte dele é para uma nova assinatura, duma minha amiga...»

Para além da multidão de novos assinantes da velha Pátria lusitana, registámos, ainda, muitos outros em diáspora pelo Mundo fora: da Alemanha Federal, de Angola, França e Estados Unidos da América.

Júlio Mendes

— IMPORTANTE —

Sempre que o Leitor nos escreva — por mor d'O GAIATO ou de livros da Editorial — faça o favor de indicar o número da assinatura e o nome e endereço em que recebe as nossas edições.

Do que nós necessitamos

Mil, da R. da Constituição; e metade de António Duarte. De Vidigal, 13.100\$00 e esta queixa: «O mundo de hoje procura seus ídolos e ignora os verdadeiros heróis». Vamos descobri-los! Vamos ajudando a encontrá-los! Então, aparecem os apaixonados. M. Helena, 5.000\$. No Espelho da Moda, como de costume, encontramos talões com recados de 1.000\$00, 5.000\$00, 10.000\$00; mais embrulhos de roupas — e tantas, tantas outras coisas, de mãos dadas com muita simpatia! São assinaturas d'O GALATO, da Editorial; donativos simples depositados em Casa que fica mesmo à mão de quem vai à cidade do Porto. Da Maia, 20.000\$. «Por favor, não agradeça no jornal O GALATO o cheque que envio. Não faço mais que a minha obrigação». O cheque vale 20.000\$; e pedimos perdão! 12.500\$00, mais 7.000\$, mais 28.000\$. De um grupo de Amigos, da Gandra, 7.500\$00. Mais uma «migalhinha», de M. A.; 50.000\$, de Maria Berta. Outra Maria, de 77 anos, mais os cinco filhos, manda 35.000\$. Velho Amigo que acompanhou, muito de perto, Pai Américo nos seus trabalhos, vem com 4.000\$00. Haydée não falta com 25.000\$.

O nosso Júlio Mendes fala e não se cansa de falar com entusiasmo das listas de assinantes que vão chegando: uns já antigos, outros novos. Vêm pelas mãos de alguém que toma o encargo de recolher as assi-

naturas nas suas terras com a delicadeza de enviar em vale de correio, cheque, ou doutro modo, o que cada um quer ou pode dar. De Afife, um vale de correio de 4.550\$00. De Rio Tinto, 5.000\$. A palavra amiga do Cónego Figueiredo e que «a bênção de Deus vos fortaleça, purifique e alegre cada vez mais». Da Maria do Céu, 1.000\$. Mais, de Palmira. De todos os cantos nos chegam notícias! Rua Ferrão Castelo Branco; de M. Amélia, «mais uma gota de água»; por alma de uma senhora falecida, 42.000\$00; de visitante, 27.000\$00; do assinante 11572, 20.000\$00; da Livraria Civilização; de filho que lembra a alma da sua mãe; de um grupo de amigos, da Afurada, 3.850\$00.

Não damos conta do que os visitantes deixam, todos os fins-de-semana, na sala dos cicerones ou em nossas mãos. Somos testemunhas. Os visitantes também são.

Mãe e filhos, de Penajóia, um cheque de 10.000\$00. Marido e mulher vêm com outro tanto «para abater à sua dívida, felizmente até agora nunca saldada. Permita Deus encontremos, no final, um saldo a nosso favor, mesmo que estejamos em débito para com a vossa Obra». Mais 10.000\$00, de V. N. de Gaia. A fábrica Texmalha entrega, no Lar do Porto, listas de assinaturas e mais e mais. Da Guarda, 4.000\$00. Mãe lembra

seus filhos com 1.000\$00. Da África do Sul, 20 rands. Da assinante 22281, cheque de 50.000\$. Da Escola n.º 1, de Carvalho da Vinha, 2.000\$00. Passa, agora, a procissão das terras de Portugal: Valença, Fiães, Rua de N.ª S.ª de Fátima, do Porto, Av. João XXI, Elvas, V. N. de Gaia, Linda-a-Velha, Ermesinde, Belazaima, Cebolais de Cima, Rua Anselmo Braancamp, Atães, etc.

A dignidade do Pobre levamos a dar com muita delicadeza. Não queremos magoá-lo. Queremos pô-lo no lugar que lhe pertence: o lugar de todos nós. Por isso, «desculpe ser tão pequeno o cheque que envio para as necessidades tão grandes e tão urgentes da nossa Obra da Rua». São 30.000\$00, pelas mãos de um sacerdote. Outro, queimado pelos valores que não morrem, vem com um cheque de 400.000\$00. Ficamos admirados! Somos pequeninos! É preciso colocar a lâmpada em lugar bem alto para que todos vejam as maravilhas escondidas no íntimo de cada um. Como parar? Não podemos ser canais estupidos. Que o Bem apareça!

«Nesta data envio 20.000\$00, parte dos retroactivos que me eram devidos quando da minha aposentação.» Mais ainda: «No quinto mês após a morte de minha querida mãe, envio por sua intenção um pouco das suas economias — 70.000\$00». Maria Helena é perseverante. Vem uma vez, outra e sempre. Desta, juntou mais e mandou. Obrigado! Quem dá com alegria recebe mais. As cartas terminam com um agradecimento.

Aveiro: Vale, de 5.000\$00, de Amélia. Não faltam as três amigas com três notas de 100\$00. Gracinda, 2.000\$00, a comemorar aniversário. Da Lourinhã, 32.000\$. Vem, agora, a mãe que pede pelos seus filhos, lembrando os nossos, e traz 22.000\$00. Lê o jornal O GALATO com o n.º 40067. Outra mãe, da Rua Sacadura Cabral, vem e deixa «uma migalhinha», como diz. Com o mesmo carinho e a mesma ternura, de sempre, um cheque de 20.000\$00, de Alter do Chão. Foram entregues as remessas dos funcionários do Banco Português do Atlântico, do Porto. Mais esta nota que traz o valor do sagrado: «Tem por fim esta carta levar a quantia de 3.000\$00 para dar cumprimento à promessa que fiz durante o ano de 1986 — ano duro para nós! — pois meu marido esteve gravemente doente e veio a falecer em Outubro, p. p. Apesar de ter partido, sinto que devo cumprir tudo o que disse ao Senhor, pois Ele foi infinitamente misericordioso conosco.... Uma grande Paz nos envolveu — a mim e aos nossos dois filhos — apesar do sofrimento e da saudade, é claro».

Esta coluna é o espaço onde

se encontram vidas que fazem o mundo mais humano. Aqui está toda a sua beleza. É do Candal. Continuamos a construir com as pedras que depositais na nossa Obra da Rua. Do grande amigo Rendeiro, 50.000\$. Mais 30.000\$00, de Valadares. Obrigado, Margarida, Manuel e filhos. De Braga, 20.000\$. De Vila Real, 12.000\$.

De S. João da Madeira, 6.000\$. Paremos um bocadinho: «Há alguns meses atrás encontrava-me desempregada... Já me encontro ao serviço... Envio metade do meu primeiro salário com muita alegria; alegria não só por estar empregada, mas também por poder ajudar».

Padre Manuel António

Os livros de PAI AMÉRICO

Escutemos a palavra do assinante 21742, de Lisboa:

«É acerca do livro *Notas da Quinzena*, que agora li em três dias, sôfrega, regalada e entusiasticamente. Ele, sendo velho, prende pela novidade, porque o coração grande de Padre Américo e o Espírito nos falam do amor ao desvalido. Só um insensível ficará insensível.

Pois bem: É costume meu «desobrigar-me» somente depois de ter lido. Até parece que é para verificar se a mercadoria vale a pena. Não é por isso, claro, mas para poder agradecer a qualidade do remédio que ajuda a reflectir e a curar a nossa alma, absorvida que anda quase só nos seus problemas (que todos temos, porque a Cruz é condição humana e dela Cristo tomou o peso maior). Agradeço, pois, ao Senhor este lenitivo. E quanto à desobriga, bem, nunca chega a ser, pois este remédio que é inestimável, que é refrigério, não tem preço.

Estando com um pé no estribo para um salto à Grécia, ansioso como estou por ver os paninhos do berço onde nasceu a nossa civilização ocidental — a idealista da Escola de Atenas (pontífices Sócrates e Platão) e a materialista (no sentido moderno e actualizado, realista) da Escola Jónica, que só não vingou pela falta, então, da basezinha experimental, uma e outra humanizadas com o suplemento de alma trazido pela Lei Nova do Evangelho — estando para partir, dizia, esta leitura preparou-me: que «consoladela»!

Sobre a leitura do *Notas da Quinzena* já não tenho coragem de me pronunciar, embora tenha tirado as notas costumadas, porque as conclusões e apreciações são repetitivas e, por isso, de consumo próprio. Só uma coisa realço, porque a senti muito claramente: Nes-

tes dias em que pude fazer a leitura, acompanhei, na TV, os episódios da vida de Santa Teresa de Ávila — que semelhança de santidade activa, de dinamismo construtor! Quatrocentos anos separam duas vidas paralelas, até o bater da «martelada»: Naquela, aos trinta e nove anos; no nosso, aos quarenta e poucos. Até o afã de escrever; até o interpretar do Evangelho. Só diferentes os meios, porque diferentes as épocas. Mas também parecidos os inimigos e os combates. Mais acitrados e contumazes (e, pior, de dentro) os de Teresa de Jesus; o que não admira, pois sempre estamos numa época mais civilizada (embora alguns adversários de dentro também os tivesse Padre Américo). Estes santos são testemunhas de acusação. Por isso, malquistos de alguns. Mas, em compensação, por todos respeitados.

Desculpem-me estas «deriazinhas» e perdoem o tempo perdido.»

● Para satisfazer a curiosidade dos novos leitores, aí vai a colecção completa das obras de Pai Américo, ao vosso dispor:

Pão dos Pobres (quatro volumes), **Obra da Rua, Isto é a Casa do Gaiato** (dois volumes), **Barredo, Ovo de Colombo, Viagens, Doutrina** (três volumes), **Cantinho dos Rapazes e Notas da Quinzena**.

Temos mais as seguintes, doutros autores: **A Porta Aberta — Pedagogia do Padre Américo, métodos e vida**, Dr.ª Maria Palmira de Moraes Pinto Duarte; **Subsídios para o estudo do pensamento pedagógico do Padre Américo**, Dr. João Evangelista Loureiro; **O Lodo e as Estrelas**, Padre Telmo; e **o Calvário**, de Padre Baptista (esgotado).

Júlio Mendes

Criaditas dos Pobres

Cont. da 1.ª pág.

ditas, o Padre Dr. Lopes de Melo, pai espiritual e, até à morte, assistente desta família religiosa; e também Pai Américo é evocado com muita frequência nestas páginas. Aliás, um dos nove capítulos chama-se «Afinidades Espirituais» e trata justamente da sintonia com que o Espírito Santo soprou em almas disponíveis para servir à maneira do «Mestre que veio para servir», tais como S. Bento, S. Vicente de Paulo, Frederico Ozanam, Carlos de Foucauld, as Criaditas, Pai Américo... Séculos a marcar distância e sempre o mesmo Espírito, o Eterno Espírito a unir!

E tão feliz esta união! Lembrou-me de um ano, no regresso do Gerês, Pai Américo contar das horas passadas ali com Monsenhor Avelino Gonçalves.

Os olhos brilhavam de contentamento.

— Sabes do que nós falávamos?...

— ...

— Do Padre Lopes de Melo. Ele morrera não havia muito; e ali, para dois irmãos no sacerdócio (e que irmãos!), era

causa de alegria e de comunhão!

● Há tantos anos é raro levar um livro até ao fim! Este li-o de um fôlego; foi uma necessidade a que não pude resistir.

«Mãe» Carolina de quem tive a ventura de fruir um bafozinho de maternal ternura! Ela é também para nós uma figura tutelar, uma presença intercessora junto de Deus. Que continue a bafejar-nos.

Na hora em que esta notícia sai, já deve ter chegado à Austrália a substancial notícia da «Mãe» e das suas Criaditas, que este livro é. Espero que a sede do nosso amigo tenha ao seu alcance fonte que o saciará. E quando lhe voltar a sede... ralhe com a gente e nada se perderá.

Padre Carlos

Nota da Redacção — Prevendo a existência de muitos outros sequiosos, se não encontrarem o livro à mão nas suas terras, peçam-no: à **Livraria Santa Joana — R. Caçadores Dez — 3800 Aveiro**



Director: Padre Telmo

Chefe de Redacção: Júlio Mendes

Redacção e Administ.: Casa do Gaiato - PAÇO DE SOUSA - 4560 Penafiel - Tel. 952285

Comp. e impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato - Paço de Sousa - 4560 Penafiel

Depósito Legal n.º 1239

Tiragem média, por edição, no mês de Maio: 65.972 exemplares.